

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“Da utilidade e dos inconvenientes” de uma história da obra de Carmelo Bene

Silvia Balestreri Nunes*

Resumo: Em minha tese de doutorado, por força de tentar uma contaminação da obra do italiano Carmelo Bene no teatro-fórum de Augusto Boal, senti-me impelida a escrever “uma historinha um tanto útil” do desenvolvimento da obra de ambos. O risco era de, num acúmulo de dados e memórias, torná-las monótonas e trair suas forças específicas, especialmente no caso de Carmelo Bene, multiartista que conheci somente através de textos, filmes, de emissões televisivas de suas peças e de relatos de espectadores, jamais presencialmente. Inspirada em Nietzsche, Foucault e Deleuze, pretendo, neste trabalho, discutir as vantagens e os riscos de se fazer história da obra de artistas de teatro como Bene, sob pena de esvaziar sua potência, redefinindo aí o que pode ser elaborado como história de uma obra artística.

Palavras-chave: Carmelo Bene – Nietzsche - História da Arte

Résumé: À force d’essayer, dans ma thèse de doctorat, une contamination de l’œuvre de l’italien Carmelo Bene dans le théâtre-forum d’Augusto Boal, j’ai senti pousser en moi le besoin d’écrire “une petite histoire quelque peu utile” du développement des œuvres de ces deux auteurs. Le risque encouru était celui de les rendre ennuyeuses et de trahir leurs forces spécifiques par accumulation de données et de mémoires, notamment pour ce qui est de l’œuvre de Carmelo Bene, artiste multiple et assez génial. En m’inspirant de Nietzsche, Foucault et Deleuze, j’ai l’intention de bâtir dans ce travail une réflexion sur les avantages et les risques de retracer l’histoire de l’œuvre d’artistes de théâtre tels que Bene, ce qui pourrait les vider de leur puissance, redéfinissant ainsi ce qu’il est possible de construire comme histoire d’une œuvre artistique.

Mots-clés: Carmelo Bene – Nietzsche - Histoire de l’Art

Quase pedi desculpas, em minha tese de doutorado, por ter que “fazer história” de dois artistas que estudei: o brasileiro Augusto Boal e o italiano Carmelo Bene, especialmente no caso deste. O risco seria o de mortificar suas obras, retirar-lhes a vitalidade, transformando-as em letras mortas de análise crítica. Uma historiadora arguta, ao ler meu texto, questionou-me quanto a essa má vontade com a História. Haveria a possibilidade de uma história-mosaico, por exemplo: cacos, coisas catadas aqui e ali, sem encaixe certo. “Que desdém é esse pela ‘história’?” – perguntou-me a historiadora. Escrevi este texto para dar continuidade a este diálogo.

* Doutora pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade/PCL da PUC-SP. Professora do Departamento de Arte Dramática/Instituto de Artes/UFRGS.

No primeiro texto de Gilles Deleuze inspirado em Carmelo Bene, em um comentário sobre o modo como este finaliza seus espetáculos, podemos ler:

O interessante é o meio, aquilo que se passa no meio. As pessoas frequentemente sonham em começar ou recomeçar do zero; e também têm medo de onde vão chegar, de seu ponto de chegada. Elas pensam em termos de futuro ou de passado, mas o passado - e mesmo o futuro - é a história. O que conta é, ao contrário, o devir: devir-revolucionário e não o futuro ou o passado da revolução (DELEUZE, 1979: 95)¹

Mais adiante, numa afirmação do anti-historicismo do italiano, Deleuze destaca:

(...) diz CB: ‘vocês sabem quais são os homens que devem ser vistos em seu século? Aqueles chamados os maiores, Goethe por exemplo, não podemos vê-lo fora da Alemanha de seu tempo, ou, se ele deixa seu tempo, é imediatamente para juntar-se ao eterno. Mas os verdadeiros grandes autores são os menores, os intempestivos. É o autor menor que faz as verdadeiras obras-primas, o autor menor não interpreta seu tempo, o homem não tem um tempo determinado, o tempo depende do homem’ (BENE, citado em DELEUZE, op. cit: 97)

Ainda considerada de forma negativa, a História, com H maiúsculo, atrapalharia a vida. Deleuze afirma uma operação que encontra no teatro de Bene, a ação de minorar - termo retirado dos matemáticos -, que consiste em amputar de suas peças os elementos de Poder, retirar de textos clássicos os representantes do Poder do Estado (em Shakespeare, retirar os homens de Estado em Ricardo III, ou diminuir a personagem de Romeu em Romeu e Julieta), para fazer aparecerem as virtualidades. “A filosofia é a teoria das multiplicidades. Toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais.” (DELEUZE, 1996: 49)

Diferente é a operação de tornar maior, que é o que se faz com a sacralização de determinados autores (como com Shakespeare): “eleva-se a ‘maior’: de um pensamento se faz uma doutrina, de uma maneira de viver se faz uma cultura, de um acontecimento se faz a História. Pretende-se assim reconhecer e admirar, mas, de fato, se normaliza.” (DELEUZE, 1979: 97. Grifo meu.)

Que história é essa que Deleuze responsabiliza por uma normalização – domesticação, docilização – do que haveria de vitalidade em certos autores? Podemos encontrar em Nietzsche e Foucault tanto uma pista desta abordagem, quanto uma trilha para um outro modo de se fazer história.

¹ As traduções dos textos com as referências em francês e em italiano são de minha autoria.

Nietzsche tem um famoso texto em que explicita sua má vontade com um certo tipo de história. Trata-se da Segunda Consideração Intempestiva que, na tradução portuguesa², chamou-se “Da Utilidade e dos Inconvenientes de uma História para a Vida”. Ele inicia o texto citando Goethe: “De resto, abomino tudo que me instrui sem aumentar e estimular imediatamente minha atividade.” (apud NIETZSCHE, 1980: 101) e faz, a seguir, uma distinção entre uma história como saber que vivifica e uma história que amortece a atividade. Há, em Nietzsche, toda uma crítica do conhecimento na modernidade e, conseqüentemente, da história como “supérfluo e luxo do conhecimento”. Neste texto, Nietzsche diferencia, a certa altura, três modos de considerar o passado: uma história antiquária, que compreende a vida para conservá-la, jamais para gerá-la; uma história monumental, que teria um instinto para decifrar “o que devém”; e um modo crítico, que “precisa ter a força e aplicá-la de tempos em tempos para explodir e dissolver um passado” (NIETZSCHE, 2003: 29). Não podemos esquecer que, em sua crítica à modernidade, Nietzsche vê na cultura grega antiga uma maneira criadora de se relacionar com o passado e buscar o futuro. A certa altura, diz que os gregos antigos tinham uma cultura essencialmente a-histórica e, portanto, rica e cheia de vida. Diz também que a história faz a arte fugir, ou mesmo que “a história é o oposto da arte” (Id, ibid: 59), destacando-se aí o que chama de cultura histórica dos críticos, que pretende se aproximar “objetivamente” dos autores de obras artísticas, vislumbrá-los à distância e ... produzir sua crítica. Esta só tem como efeito uma nova crítica, não permitindo mais “que se chegue a um efeito em sentido próprio, a saber, um efeito sobre a vida e a ação” (Id, ibid: 47).

Foucault vai retomar este texto e outras obras de Nietzsche, para afirmar também seu próprio modo de fazer história: a genealogia. Esta se ocupa dos começos vis e não da determinação da origem. O genealogista, ao escutar a história, aprende que o que há atrás das coisas é “não seu segredo essencial e sem data, mas os segredos que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas”, pois (...) “o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate” (FOUCAULT, 1985: 18). A busca pela origem é uma busca “adolescente” da verdade, do absoluto, um esforço para recolher uma “forma imóvel e exterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo” (op. cit: 17). Distinguindo, com Nietzsche, uma “história tradicional” - a “história dos historiadores” – de uma “história efetiva” – quando o saber histórico se torna instrumento da genealogia -, Foucault enumera o que, neste último caso, seriam as características do sentido histórico

² Serão utilizadas alternadamente as traduções portuguesa (1980) e brasileira (2003), conforme a potência que vislumbramos nas formas encontradas por uma ou outra.

proposto pelo filósofo alemão: “a história ‘efetiva’ faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo”, entendendo-se este como “uma relação de forças que se inverte” (op. cit: 28); esta “lança seus olhares ao que está próximo” (...), “perscruta as decadências” (id: 29) e “não teme ser um saber perspectivo”, não esconde sua própria injustiça, o lugar de onde olha (ibid: 30).

A escrita de Nietzsche é semovente, assim, não condena a história de uma vez por todas, mas um modo moderno, “científico” de efetivá-la. Chega mesmo a apontar um mesmo começo – impuro - para esses dois modos da história. Não será o caso aqui de nos estendermos muito mais nessas proposições, mas apenas, ainda, citar, através de Foucault, o que seriam, em Nietzsche, três usos do sentido histórico na genealogia:

Um é o uso paródico e destruidor da realidade que se opõe ao tema da história-reminiscência, reconhecimento; outro é o uso dissociativo e destruidor da identidade que se opõe à história-continuidade ou tradição; o terceiro é o uso sacrificial e destruidor da verdade que se opõe à história conhecimento. (FOUCAULT, op. cit: 33)

Ora, podemos ver efeitos parecidos naquilo que Deleuze e outros apontam na obra teatral de Carmelo Bene. Talvez possamos dizer que o que Bene faz com os clássicos é arrancá-los de uma imersão numa história de tipo tradicional. Vê-los de fato como artista e não na perspectiva do crítico ou na pretensa objetividade do cientista. Como diz Deleuze a partir de Bene:

Não se trata de ter saudade dos velhos tempos, mas de se espantar diante da operação a que são submetidos, o enxerto que se fez no seu dorso para os normalizar. Eles se tornaram maiores. Assim, operação por operação, cirurgia contra cirurgia, podemos conceber o inverso: como “minorar” (termo empregado pelos matemáticos), como impor um tratamento menor ou de minoração, para liberar os devires contra a História, as vidas contra a cultura, os pensamentos contra a doutrina, as graças ou desgraças contra o dogma. Quando vemos o que Shakespeare sofre no teatro tradicional, sua magnificação-normalização, nós pedimos um outro tratamento, que reencontraria nele esta força ativa de minoridade. (DELEUZE, op. cit: 97)

E que tratamento, então, dar a Carmelo Bene quando se fala dele? Como não trair sua força, a potência de sua obra? Em primeiro lugar, é preciso conviver com essa ambigüidade, da referência a um artista que afirmava radicalmente a efemeridade do teatro e que, com sua morte, não mais podemos ver em cena. Uma aproximação possível a essa obra, e refiro-me aqui especialmente às encenações - já que existem também registros de textos, filmes, emissões radiofônicas e televisivas de Bene, que igualmente guardam, cada um, sua força -, é através da narrativa apaixonada daqueles que o assistiram, pela vibração daqueles

que o amam: também os textos *sobre* Carmelo Bene são extremamente vibrantes. Piergiorgio Giaché diz que nosso primeiro contato com um tipo de teatro é através da narrativa, “de ouvir falar”, e lembra quando ouviu falar do teatro de Bene, bem antes de conhecê-lo:

Na história do espectador, o que se conta é importante. Não é raro que, em teatro, sejamos primeiro escutadores, mesmo antes de sermos espectadores. Não importa se depois a visão direta será distinta e distante do que foi contado; o importante é não decepcionar, e a visão do teatro de Bene não decepcionaria.” (GIACHÉ, 1995: 31).³

Cabe, ainda, lembrar a aula de Deleuze sobre eternidade e imortalidade em Espinosa, em que ele diz que, quando morremos, desaparecem nossas partes extensivas, elas migram para outros corpos, estabelecem outras conexões que não as nossas, mas que, se tivemos em nossa existência uma maioria de idéias inadequadas e de afetos passivos, quando morremos, morre também a maior parte de nós mesmos. Ao contrário, se tivemos “(...) proporcionalmente, um número relativamente grande de idéias adequadas e de afetos ativos, neste momento, o que morre de cada um é relativamente uma parte pouco importante, insignificante” (DELEUZE, 1981: s.p.). Este me parece ser o caso de Bene.

Por fim, retornemos à historiadora arguta que me interpelou e, com isso, inspirou a escrita desse texto. Gisele Madeira propõe ela mesma, em sua tese, que transita no universo de uma figura querida do teatro brasileiro – Paschoal Carlos Magno –, uma maneira vívida de se fazer história. Com ela, a palavra:

Em meio a essas disjunções, o mosaico que proponho tem seus feixes ficcionais, permitindo os encantos das utopias (...). O corpus biográfico neste livro é um fato; contudo, plasticamente podendo ser vislumbrado como um mosaico, cortado incessantemente por experimentalismos e cenas clássicas. (MADEIRA, 2000: 21)

Esta interlocutora atenta foi buscar em Procópio Ferreira inspiração para a tecitura de sua tese, quando este, ao falar do trabalho do biógrafo, “propôs flunar sobre ‘retalhos catados aqui e ali, pacientemente, num mosaico de idéias e de episódios’⁴” (MADEIRA, op. cit: 19). No caso da tese da autora, tal mosaico inclui o uso de imagens em sua composição. Quem sabe, um texto-mosaico, ou uma história-mosaico sejam uma maneira de exercitar ,

³ Podemos, aqui, fazer uma aproximação com o que Suely Rolnik chama de “memória do corpo vibrátil” em suas pesquisas, ou, mais recentemente, “memória corporal das sensações” acerca da experiência de diversas pessoas na última fase da obra de Lygia Clark (ROLNIK, 2005: 9).

⁴ Citação retirada de BARCELLOS, J. *Procópio Ferreira: o mágico da expressão*. Rio de Janeiro: Funarte, 1999, p. 12. (apud MADEIRA, id. Ibid.)

como diriam Nietzsche e Foucault, uma história efetiva da obra de artistas como Bene. A nós restam o convívio com a ambigüidade e a experimentação.

Referências bibliográficas

BENE, Carmelo; DELEUZE, Gilles. **Superpositions**. Paris, Minuit, 1979.

DELEUZE, Gilles. **Deleuze/Spinoza: Cours Vincennes - 17/03/1981**. Em:

www.webdeleuze.com, acesso em 8 mar. 2004.

_____. *O atual e o virtual*. In: ALLIEZ, Eric. **Deleuze, filosofia virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996. Pp. 47-57.

_____. *Un manifeste de moins*. In: BENE, Carmelo; DELEUZE, Gilles. **Superpositions**. Paris: Minuit, 1979. Postface. Pp.85-131.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: _____. **Microfísica do poder**. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Pp. 15-37.

GIACHÉ, Piergiorgio. *Lo spettatore per Bene*. In: APRÀ et al. **Per Carmelo Bene (1994)**. Milão: Linea d'Ombra, 1995. p. 29-48.

MADEIRA, Gisele. **Paschoal Carlos Magno (1906-1980) - mosaico de um culturalista**. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica-SP, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida*. In: _____. **Considerações extemporâneas**. Lisboa: Ed. Presença/Martins Fontes, 1980. p.101-205.

_____. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e da desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NUNES, Silvia Balestreri. **Boal e Bene: contaminações para um teatro menor**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) . Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica-SP, 2004.

ROLNIK, Suely. *Afinal, o que há por trás da coisa corporal?* In: ____ (org.) **Lygia Clark: da obra ao acontecimento**. Somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca, 2005. P. 9.